

Ana Regina Machado ¹

 0000-0001-8614-2533

Alessandra Rios de Faria ¹

 0000-0002-4497-9447

¹ Coordenação de Política,
Planejamento e Gestão em Saúde.
Escola de Saúde Pública do Estado
de Minas Gerais. Belo Horizonte,
Minas Gerais, Brasil.

DOI

10.54620/m791t927



Licença CC BY 4.0

Uma escola que aprende e ensina: a formação em saúde mental para o SUS

A school that learns and teaches: mental health training for the SUS

Una escuela que aprende y enseña: la formación en salud mental para el SUS

RESUMO

Objetivo: Este relato de experiência tem como objetivo apresentar as ações educacionais de saúde mental, realizadas na ESP-MG, nos últimos 15 anos, buscando identificar as aprendizagens delas decorrentes para a educação permanente em saúde. **Método:** Para responder ao objetivo proposto, analisamos uma sistematização já realizada da produção de ações educacionais em saúde mental da ESP-MG de 2010 a 2025. **Resultados:** A oferta permanente e diversa de ações educacionais em saúde mental permitiu compreender a importância de contar com trabalhadores com trajetória e militância no SUS e na Reforma Psiquiátrica, de manter uma abertura para o contexto socio sanitário e para os problemas de saúde emergentes, de dialogar e aprender com os movimentos sociais e com os trabalhadores e trabalhadoras do SUS. **Conclusão:** Conclui-se, que tais fatores são relevantes para uma educação permanente em saúde atenta às necessidades de saúde da população e aos desafios dos trabalhadores e das políticas em implementação.

Palavras-chave: Educação Permanente; Ações Educativas; Serviços de Saúde Mental.

ABSTRACT

Objective: This experience report aims to present the mental health educational actions carried out at ESP-MG over the past 15 years, seeking to identify the learning outcomes derived from them for continuing education in health. **Methods:** To address this objective, we analyzed an already completed systematization of ESP-MG's production of mental health educational actions from 2010 to 2025. **Results:** The continuous and diverse offering of mental health educational initiatives made it possible to understand the importance of

having workers with a background and engagement in the SUS and the Psychiatric Reform, of maintaining openness to the socio-sanitary context and emerging health issues, and of engaging in dialogue and learning with social movements and SUS workers. **Conclusions:** We conclude that these factors are relevant for continuing health education that is attentive to the population's health needs and to the challenges faced by workers and by policies in implementation.

Keywords: *Education continuing; Education; Mental Health Services.*

RESUMEN

Objetivo: Este informe de experiencia tiene como objetivo presentar las acciones educativas en salud mental realizadas, en la ESP-MG, durante los últimos 15 años, con el propósito de identificar los aprendizajes derivados de dichas iniciativas para la educación permanente en salud. **Método:** Para responder al objetivo planteado, analizamos una sistematización previamente elaborada sobre la producción de acciones educativas en salud mental de la ESP-MG, entre 2010 y 2025. **Resultados:** La oferta continua y diversa de acciones educativas en salud mental permitió comprender la importancia de contar con trabajadores con trayectoria y compromiso en el SUS y en la Reforma Psiquiátrica; de mantener una apertura hacia el contexto socio-sanitario y hacia los problemas emergentes de salud; y de dialogar y aprender con los movimientos sociales y con los trabajadores y trabajadoras del SUS. **Conclusión:** Se concluye que tales factores son relevantes para una educación permanente en salud atenta a las necesidades de salud de la población y a los desafíos enfrentados por los trabajadores y por las políticas en proceso de implementación.

Descriptores: *Educación continua; Educación; Servicios de Salud Mental.*

INTRODUÇÃO

Pretendemos, neste artigo, analisar a formação em saúde mental ofertada pela Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais (ESP-MG). Partimos do reconhecimento que esta é uma das temáticas que tem se destacado na trajetória da instituição, a primeira escola de saúde pública estadual do Brasil, fundada em 1946.

A ESP-MG dedica-se à formação de trabalhadores e trabalhadoras atuantes na assistência e na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) em MG e desenvolve também ações educacionais com o controle social e com os movimentos sociais. Apesar dos quase 80 anos de existência, apenas em 2009 realizou seu primeiro concurso público para constituição do seu corpo próprio de trabalhadores. A ESP-MG, atualmente, conta com um corpo docente constituído por pessoas com diferentes experiências e trajetórias na gestão, na assistência e na pesquisa. A instituição desenvolve ações em diferentes temáticas do campo da saúde coletiva, como vigilância em saúde, atenção primária, gestão em saúde e saúde mental.

A ESP-MG tem a educação permanente em saúde (EPS) como concepção político-pedagógica. Tal concepção considera os embaraços do trabalho pontos de partida para uma formação que pretende transformá-lo. Ceccim nos ajuda a compreender como a EPS relaciona o trabalho e a formação:

Atravessar o trabalho pela formação quer dizer interrogar o trabalho. Interrogar a inserção dos trabalhadores, as relações entre os vários serviços, compreender as implicações do trabalho com a vida de seus usuários, compreender que o cotidiano serve à construção de conhecimentos e práticas, além de interrogar o cruzamento dos saberes da experiência e os saberes formais¹.

Essa contribuição já anuncia um certo modo de pensar e fazer que tem sido constante nas ações educacionais realizadas no campo da saúde mental na ESP-MG. Uma formação que considera os trabalhadores, os serviços, os usuários, o cotidiano, as práticas, os diálogos entre os saberes formais e os da experiência. Uma formação que produz conhecimento e que busca promover transformações no trabalho, que considerem tanto a produção científica quanto as políticas do SUS. No campo da saúde mental, sabemos que a política implementada no Brasil buscou produzir uma transformação radical, criou uma rede de serviços substitutivos ao hospital psiquiátrico e um modo de atenção, a atenção psicossocial, que busca promover o cuidado em liberdade para pessoas com sofrimento mental e com problemas decorrentes do uso de álcool e outras drogas.

Ao longo dos últimos 15 anos, a ESP-MG produziu mais de 20 ações educacionais na área de saúde mental, em mais de 60 turmas, para mais de 12.000 alunos. Realizou também seminários presenciais, “webinários” e “podcasts”. Produziu e organizou várias publicações. Uma produção como esta, tão diversa, extensa e contínua em uma única área temática, é pouco comum na ESP-MG.

Pretendemos neste artigo, além de apresentar essa produção, refletir sobre o que tem permitido sustentá-la ao longo dos anos. Partimos do pressuposto de que as reflexões sobre essa experiência formativa permitirão identificar pistas importantes para uma educação permanente que contribua de fato para o trabalho no SUS. Ressaltamos que, em meio às instabilidades e fragilidades que caracterizam as experiências de muitas escolas de saúde pública do Brasil, chama a atenção não só a permanência, mas também o fortalecimento da temática saúde mental na ESP-MG, a qual não existe como área ou setor no organograma da instituição. Parece-nos instigante e relevante compreender essa experiência, mesmo reconhecendo as particularidades, as singularidades e os limites de todo e qualquer processo educacional e social.

Este artigo propõe-se, então, a analisar as ações educacionais do campo da saúde mental realizadas na ESP-MG nos últimos 15 anos, buscando identificar as aprendizagens delas decorrentes para a educação permanente em saúde no SUS. O recorte temporal adotado considerou o apontamento feito sobre a realização do concurso público e a constituição do corpo permanente de trabalhadores da escola. Refletiremos, assim, sobre experiências construídas e vividas pelas autoras deste artigo as quais, em diferentes momentos, integraram a equipe que se responsabiliza pela oferta de ações educacionais em saúde mental para trabalhadores e trabalhadoras atuantes nas diversas redes de saúde de Minas Gerais.

MÉTODOS

Para responder ao objetivo proposto, consideramos toda a produção de ações educacionais e publicações em saúde mental da ESP-MG, realizadas no período de 2010 a 2025, já sistematizada por nós em outro artigo². Fizemos uma atualização dessa sistematização e refletimos sobre nossa produção a partir das contribuições da educação permanente em saúde. Identificamos, nesse percurso, aspectos que podem ser associados à oferta contínua das ações educacionais em saúde mental e que fornecem pistas importantes para o fomento de ações de educação permanente em saúde no SUS. Em seguida, realizamos uma discussão sobre cada um desses aspectos.

RESULTADOS

Entre 2010 e 2025, a ESP-MG realizou 7 turmas em 3 diferentes especializações/ nível pós-graduação; mais de 60 turmas em 18 cursos livres presenciais e remotos, 4 seminários presenciais, 14 “webinários” e 4 “podcasts”. Além disso, produziu 4 publicações: a cartilha “Cuidados em Saúde Mental: Diálogos entre o MST e o SUS”; os livros “Caminhando contra o Vento: cuidado e cidadania na atenção a usuários de drogas no SUS” e “Nada Será como Antes: Invenções cotidianas para o cuidado em liberdade nas Redes de Atenção Psicossocial” e o guia “Guia para o Trabalho nas Redes de Atenção Psicossocial em Minas Gerais: diretrizes e orientações”².

Essa produção compreende ações realizadas com financiamento do governo federal e estadual. Em sua maioria, foram demandadas pela Coordenação de Saúde Mental da Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais (SES-MG), a partir de necessidades constatadas na implementação de redes de atenção em saúde mental. Algumas ações foram solicitadas por municípios e outras foram propostas por trabalhadoras da ESP-MG. Todas essas ações, em todo o período considerado, foram desenvolvidas em consonância com a política nacional de saúde mental centrada no cuidado em liberdade, na Atenção Psicossocial e na Redução de Danos. Uma delas foi planejada e realizada com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Todas foram construídas a partir de diálogos estabelecidos com trabalhadores e gestores do SUS, movimentos sociais e controle social e incluíram temas emergentes que se apresentaram como relevantes no contexto socio-sanitário, como os desastres da mineração, a pandemia da COVID-19 e o racismo. Importante ainda destacar que, com frequência, ex-alunos e ex-alunas, trabalhadores e trabalhadoras da atenção e da gestão em saúde mental, pesquisadores e pesquisadoras e militantes de movimentos sociais são convidados para que atuem como docentes nas ações educacionais realizadas e como autores das publicações da Escola.

DISCUSSÃO

Em nosso percurso no trabalho de formação, que é também formativo, quatro aprendizados têm se apresentado como fundamentais, a saber: uma escola que aprende com o SUS e suas políticas, com os movimentos sociais, com os contextos socio-sanitários e com os alunos e alunas que são, em sua maioria, trabalhadores e trabalhadoras do SUS.

Aprendendo com as políticas de saúde mental do SUS

Quando consideramos a produção em saúde mental da ESP-MG, percebemos que ela mantém um alinhamento com os desdobramentos da implementação da política de saúde mental centrada no cuidado territorial, em liberdade e em rede. Sabemos que tal implementação envolveu e envolve muitas disputas e uma transição paradigmática que propõe, segundo Yasui:

[...] olhar para o sofrimento psíquico para além dos diagnósticos que nos afastam da vida concreta do sujeito, com sua singularidade, seus vínculos, seu lugar e seu tempo. Resgatar a vida com seus percalços, paradoxos, impasses, mas também possibilidades, potências, laços e encontros, invenção de modos diferentes de ir em frente³.

Contribuir para a sustentação de um novo paradigma de cuidado, que envolve uma dimensão ética, técnica e política e para o fortalecimento dos serviços da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), é a tarefa dos trabalhadores e trabalhadoras da ESP-MG. Assim que a RAPS foi estabelecida em Portaria do Ministério da Saúde e pactuada em MG, a Escola ofertou 14 turmas das Oficinas

sobre a RAPS, envolvendo a formação de mais de 500 trabalhadores no período de 2012 a 2016. Mais recentemente, realizou 12 turmas da Oficina sobre a Integralidade do Cuidado em Saúde Mental para cerca de 1200 trabalhadores, entre 2019 e 2024, e 2 turmas de Especialização em Políticas de Saúde Mental e Atenção Psicossocial, entre 2020 e 2025. Para fortalecer o cuidado às pessoas que usam drogas em consonância com o modo de Atenção Psicossocial e com a Redução de Danos, foram ofertadas duas turmas de Especialização em atenção a usuários de álcool e outras drogas e, também, foi criado um Centro Regional de Referência sobre Drogas. Outras ações foram direcionadas à saúde mental de crianças e adolescentes, à saúde mental na atenção primária, à criação de resistências e à promoção de (re)existências em meio aos retrocessos das políticas de saúde mental no período de 2017 a 2022; ao fortalecimento da gestão em saúde mental e até mesmo ao fomento da formação, como a Escola de Supervisores e o Percurso Formativo.

O desenvolvimento de ações educacionais diversas, coerentes com os diferentes desafios das RAPS, pode ser compreendido a partir do compromisso e da experiência prévia dos trabalhadores e trabalhadoras de saúde mental da ESP-MG com o SUS, com a Reforma Psiquiátrica Antimanicomial e com a Redução de Danos - seja no campo da atenção, da gestão e/ou da pesquisa, seja na atuação em movimentos sociais. Isto é, antes de trabalhar na Escola, os trabalhadores e trabalhadoras já tinham uma trajetória em saúde mental e um compromisso técnico-político com a construção e a sustentação de práticas de Atenção Psicossocial nas redes de saúde mental e com o fortalecimento do SUS e da Reforma Psiquiátrica. Sem trabalhadores e trabalhadoras com essas trajetórias de trabalho e de compromissos militantes, não teria sido possível ofertar a quantidade e a diversidade de ações educacionais em saúde mental na ESP-MG.

Aprendendo com os contextos socio sanitários: a pandemia e os desastres

As repercussões nefastas dos desastres de mineração na saúde da população – sejam aquelas relacionadas às perdas (humanas, ambientais, materiais e socioculturais), sejam aquelas relacionadas ao surgimento de conflitos (entre mineradoras e populações afetadas, populações atingidas e não atingidas, assentamentos, indenizações etc.) fizeram com que, em 2020, a temática dos desastres fosse incluída na Especialização em Políticas de Saúde Mental e Atenção Psicossocial por meio da criação de um módulo com duas disciplinas, “Saúde, território, desastres e produção de subjetividades” e “Práticas de Atenção Psicossocial em situações de desastres e crimes ambientais”. A atenção psicossocial que se faz em contexto de desastres, em meio às mudanças nas dinâmicas territoriais, às diferentes perdas e conflitos e ao aumento do sofrimento social tornou-se uma tarefa das RAPS e a ESP-MG passou a abordá-la em suas ações educacionais.

Em 2020, o contexto de crise sanitária mundial decorrente da epidemia da COVID-19 exigiu mudanças nas estratégias formativas da Escola. Foi impossível para nós, trabalhadoras do SUS, comprometidos com seu fortalecimento, fecharmos as portas e nos acomodarmos em nossas casas. Ainda que não fosse possível realizar ações educacionais presenciais, propusemos uma série de ações, em formatos que desconhecíamos (cursos remotos, síncronos ou assíncronos, “podcasts” e “webinários”), para contribuir com trabalhadores e trabalhadoras das redes de saúde mental do SUS, os quais continuaram a atuar em um contexto marcado por mortes, medos e negacionismos. Além de abordar temas relacionados à saúde mental na pandemia, seguimos ofertando ações que pudessem fortalecer os trabalhadores e o SUS. Entre 2020 e 2022, realizamos: 4 “podcasts” sobre saúde mental em contextos de pandemia; 13 “webinários” divididos em 4 séries: “Saberes e Práticas nas RAPS de Minas: a sustentação do cuidado em liberdade”; “Supervisão clínico-institucional e suas contribuições para o fortalecimento das RAPS de Minas”; “Leitos de saúde mental em hospitais gerais: quais possibilidades de atenção nas RAPS?” e “Conferência de saúde mental: garantindo políticas públicas, cuidado e cidadania nos territórios”. Ofertamos também um Curso Remoto sobre Saúde Mental na Atenção Primária e outro sobre Adolescentes em Privação de Liberdade.

A inclusão de temáticas emergentes nas ações educacionais em saúde mental da ESP-MG parte do reconhecimento de que a atenção psicossocial é feita a partir dos desafios e necessidades que se apresentam nos territórios e no cotidiano das pessoas que são cuidadas. Não há como desconsiderá-las na formação em saúde mental. Concordamos com Yasui, Luzi e Amarante⁴, que afirmam que o cuidado em saúde mental não se desconecta da vida como ela é.

Aprendendo com os movimentos sociais

Os movimentos sociais também são atores importantes na ESP-MG. A Associação dos Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Minas Gerais (ASUSSAM) e o Fórum Mineiro de Saúde Mental foram interlocutores em diversas ações, participando, principalmente, como docentes e como expositores em rodas de conversa sobre experiências de cuidado em liberdade nas RAPS. Uma ação, a “Oficina de educação popular em saúde mental para populações assentadas e acampadas em projetos de reforma agrária de Minas Gerais”, foi realizada em parceria com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) entre os anos de 2012 e 2014. Além da Oficina, essa ação teve como produto a publicação de uma cartilha relatando e registrando a experiência. Essa ação educacional acolheu mulheres trabalhadoras rurais dos acampamentos e assentamentos da reforma agrária atuantes no cuidado à saúde de suas comunidades e trabalhadores de saúde do SUS-MG com o intuito de enriquecer a leitura do território, de produzir aproximações e de favorecer a construção de parcerias e compromissos.

A ação foi desenhada, desde o início, por meio do diálogo entre trabalhadoras da ESP-MG e representantes do movimento social. Os sujeitos dos movimentos sociais, com seus saberes e práticas, apresentaram dimensões, elementos de análise e questionamentos, os quais eram novos para a escola, para compor a construção do curso. Compartilharam o cotidiano, as dinâmicas de luta, de mobilização, de articulação, de negociação para garantirem acesso à educação, à saúde, à terra e às condições mínimas de sobrevivência. Apontamentos sobre hábitos alimentares, dimensões culturais e religiosas das educandas, conflitos nos territórios, bem como a importância das místicas, das orações e dos rituais, deram contornos distintos ao que estava sendo planejado. As mulheres do MST também contribuíram com análises sobre a conjuntura política e econômica vigente e seus impactos nas ações a serem desenvolvidas. Enfim, dimensões múltiplas da reprodução da vida foram encharcando os espaços da Escola.

Todas as problematizações, contribuições e apontamentos, feitos pelos diversos sujeitos que compunham o colegiado pedagógico, colocavam a necessidade de pensar currículo, conteúdos e estratégias metodológicas a partir da centralidade das condições em que os educandos reproduzem suas existências e seus aprendizados humanos⁵.

As questões apresentadas pelo MST colocavam as ações educacionais no patamar da luta por direitos básicos, como saúde e educação. Arroyo⁵ nos adverte que os movimentos sociais são educativos e que tensionam ao fazer pedagógico, porque demarcam, contundentemente, a centralidade das lutas pela sobrevivência, pela possibilidade de existir e de seguir vivo e pela humanização. De acordo com o autor “[...] A luta pela vida educa por ser o direito mais radical da condição humana⁵ p.32. No colegiado pedagógico, trabalhadoras da ESP-MG e mulheres Sem Terra educamo-nos umas às outras, atravessadas por nossas leituras de mundo e pertencimentos sociais. Aprendemos com as mulheres camponesas sobre modos de vida e práticas populares de cuidado em saúde mental.

Construir uma ação educacional em parceria com um movimento social, como o MST, ensinou-nos sobre a complexidade das relações de poder presentes em cada território, sobre a produção de morte, dor e sofrimento e sobre a força de resistência e invenção dos coletivos. Reforçou nossa compreensão sobre as relações entre as condições de vida e a produção de saúde e adoecimento. Ensinou-nos sobre integralidade no cuidado em saúde.

Aprendendo e ensinando com os trabalhadores e trabalhadoras das RAPS de Minas Gerais

Inspiradas pelo referencial político-pedagógico da EPS, sempre optamos por planejar coletivamente as ações educacionais. Nesta perspectiva, equipes compostas por trabalhadoras da ESP-MG, da gestão estadual de saúde mental e por trabalhadores de saúde mental dos municípios se reuniam para dialogar, refletir e identificar problemas ligados ao cotidiano de trabalho nas RAPS e suas

necessidades de formação. Incluímos em nossos processos de trabalho várias vozes e formas de vida, como propõe Feuerwerker, “[...] Levar a vida e outras vozes para dentro das formações abre possibilidades”⁶. Essas construções coletivas foram momentos fundamentais para conhecer as diferentes realidades dos territórios e as diferentes configurações das RAPS. Uma oportunidade, ainda que seja um “retrato momentâneo”, de conhecer a maneira como se dá a reforma psiquiátrica antimanicomial no vasto território mineiro.

Outro princípio importante de nosso trabalho é a porosidade e permeabilidade ao encontro, às trocas e às problematizações com as trabalhadoras-estudantes nos cursos. Vivenciamos, na primeira turma de especialização em Políticas de Saúde Mental e Atenção Psicossocial, uma rica oportunidade de aprendizados com alunas-trabalhadoras negras comprometidas e atravessadas pela temática racial, as quais suscitaram e tensionaram ao debate ao longo de todo o curso. Como resultado, outros espaços de debate foram construídos e as discussões sobre raça e gênero fizeram-se presentes em várias disciplinas do curso, transversalizando os debates. Um espaço potente para reflexão de uma clínica racializada e para o cuidado antirracista foi tecido coletivamente. A partir disso, muitos trabalhos de conclusão de curso foram desenvolvidos sobre essa temática e a matriz curricular foi reformulada. O curso passou a dispor de uma disciplina específica para discutir políticas e práticas de saúde mental na perspectiva antirracista, articulada com saberes e práticas decoloniais e emancipatórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre essa experiência de 15 anos e sobre os processos de aprendizagens a ela associados, compreendemos que o que mantém a ESP-MG viva, atuante e atenta aos desafios da atenção em saúde mental é a sua abertura para o outro, para o encontro, para o cotidiano, para as políticas e disputas no SUS e para as mudanças que são necessárias ao trabalho nas redes de saúde, impostas pela realidade ou pelo contexto socio sanitário. Podemos afirmar que se trata de uma escola que abre possibilidades, uma escola que aprende ao ensinar, que permanece permeável aos encontros e à vida como ela é, sempre considerando os princípios do SUS, da Reforma Psiquiátrica Antimanicomial e da Redução de Danos.

REFERÊNCIAS

1. Ceccim RB. A Educação Permanente em Saúde e as questões permanentes à formação em Saúde Mental. In: Lobosque AM. Organizadora. Caderno Saúde Mental 3. Saúde Mental e os desafios da formação. Belo Horizonte: Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais, 2010. p. 77.

2. Machado, AR, Faria AR. A formação em saúde mental na Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais: apostas, estratégias e compromissos. In: Faria AR, Machado AR, Ribeiro GD, Pereira JA, Morelo L, Moraes PRL, Gontijo SA. Organizadores. Nada Será como Antes: Invenções cotidianas para o cuidado em liberdade nas Redes de Atenção Psicossocial. Belo Horizonte:

Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais, 2024. p.17-33.

3. Yasui, S. Ira, amor, resistência e invenção: reflexões sobre o legado da Reforma Psiquiátrica. In: Campos, GWS, Fernandes, JÁ. Organizadores. Mostra de Práticas em Saúde Mental- Reconhecer o patrimônio da Reforma Psiquiátrica: o que queremos hoje? São Paulo, Hucitec, 2016. p.20.

4. Yasui, S, Luzio, CA, Amarante, P. Atenção psicossocial e atenção básica: a vida como ela é no território. Rev Polis e Psique. 2018; 8 (1): 173-190. DOI:10.22456/2238-152X.80426.

Autor Correspondente

Ana Regina Machado
reginao1.machado@gmail.com

Contribuições dos Autores

Conceituação: ARM e ARF; **Metodologia:** ARM e ARF; **Redação – rascunho original:** ARM e ARF; **Redação – revisão e edição:** ARM e ARF; **Supervisão:** ARM; **Validação:** ARM e ARF.

Conflito de Interesses

Não há conflitos de interesse.

Financiamento

Financiamento próprio.

5. Arroyo MG. Pedagogias em movimento – o que temos a aprender dos Movimentos Sociais? Rev Currículo sem Fronteiras [online]. 2003; 3(1): 28-49. Disponível em: [//www.curriculosemfronteiras.org/art_v3_n1.htm](http://www.curriculosemfronteiras.org/art_v3_n1.htm).

6. Feuerwerker LCM. Educação de Profissionais de Saúde. Cadernos ESP [online]. 2022. 16(3). p.8. Disponível em: <https://cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/1347/362>

Editores Associados

Bruno Neves da Silva, Genilton da Silva Faheina Junior e Sofia de Moraes Arnaldo

Como Citar

Machado AR, Faria AR. Uma escola que aprende e ensina: a formação em saúde mental para o SUS. Cadernos ESP. 2026;20:e2503.

Recebido em: 29/11/2025

Publicado em: 03/07/2026